

CRÔNICA

Paulo Pestana • papestana@uol.com.br



A queda da juventude

A queda dos cabelos começou antes dos 30 anos de idade e talvez isso explique porque nosso amigo não viu a velhice chegar. Velhice, em termos, por que só este ano ele completa os 60 anos; vai ter direito a plaquinha para estacionamento preferencial, mas ainda não quer ser chamado de idoso. Enfim, a Lei o reconhece como velho; ele não.

O abdômen largo se deve mais aos hectolitros de cerveja que vem consumindo há décadas do que à falta de disposição para fazer exercícios físicos. As ressacas cada vez mais frequentes deveriam servir de alerta para moderação, mas um hepatovit com gosto (horrível) de abacaxi tem mascarado a indisposição.

Velhice é um estado de espírito, me disse uma jovem enfermeira dia desses. Para ela, que é bem juvenzinha, talvez seja. Para o meu amigo é o chamado espírito de porco.

É preciso encarar o processo com bom humor e saber que a única alternativa à velhice é bastante pior. “A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer/ A barba vai descendo e os cabelos vão caindo, pra cabeça aparecer”, canta Arnaldo Antunes.

Mas nem tudo é poesia. Ou quase nada.

Envelhecer, em muitos casos, é reaprender a viver, é saber conviver com limitações cada vez maiores e, talvez por isso, todo mundo fica mais cauteloso porque perigos novos se apresentam a cada minuto.

O simples ato de levantar da cadeira já vem com novidades; uma zonzeira repentina digna de uma dose caprichada das melhores pingas, que balança e não deixa cheiro. Se o sujeito bobear, tropica. E velho não pode cair.

Comer também exige uma certa parcimônia, o que representa uma mudança terrível, porque não há temperança que resista a um prato de torresmo, a uma tigelinha com frango a passarinho ou um sarapatel com coentro e cebolinha.

O meu amigo vem desafiando esses mandamentos. Se recusa a olhar na folhinha e compensa no catálogo da farmácia, ambiente

que tem frequentado mais do que o bar, em busca de química que compense a parca produção do alquebrado organismo.

Não há mais o viver como se não houvesse amanhã. Até porque o dia seguinte nasce com dores inusitadas em músculos que ele nem sabia existirem, mas outro dia ele apareceu com um olho roxo e maxilar deslocado. O passado de

alterações violentas o condena, mas há muito havia parado de brigar; teria se desentendido no trânsito? No mercado? No bar?

Ele próprio esclareceu, balbuciando as palavras por causa da dor: não houve pugilato, discussão, nada. E denunciou: o culpado era o dedinho mínimo do pé direito. O artelho, que, como os outros dedos — exceto o dedão, halux —, não tem nome específico,

serve para muito pouca coisa, mas, pelo jeito, atrapalha.

O espírito jovem desconhece cadeira e fez com que ele tentasse vestir a cueca ainda de pé, mas ela enganchou no pequeno dedo e o equilíbrio foi para o espaço. A queda foi inevitável e o rosto encontrou a ponta da cama. Olhando no espelho, ele viu pela primeira vez um velho com um grande hematoma no rosto.

